

MOBILIDADE SOCIAL COMPARADA NA INGLATERRA ANGLO-SAXÃ: OS CASOS DE IMMA E CAEDMON

Renato Rodrigues da Silva¹

Resumo: A mudança de estatuto social não é um fenômeno amplamente registrado na Idade Média. Durante o longo século VIII, na Nortúmbria, dois casos podem iluminar esta discussão. Estes casos também são exemplares no que diz respeito à consciência histórica de sua posição social. Estes casos são: a) Cadmon, um estabulário que se tornou santo através de um milagre; b) Imma, um aristocrata que, ao ser derrotado em uma batalha, fingiu ser uma pessoa de baixa extração social para evitar ser morto, mas cujos captores não conseguiam mantê-lo amarrado e acorrentado como outros escravos. O objetivo deste artigo é demonstrar como os casos de mobilidade social são vistos como virtualmente impossíveis, tornando a diferenciação social naturalizada entre a aristocracia.

Palavras-Chave: História Medieval; Mobilidade Social; Inglaterra Anglo-Saxã.

A COMPARISON OF SOCIAL MOBILITY IN ANGLO-SAXON ENGLAND: THE CASES OF IMMA AND CAEDMON

Abstract: Social mobility is not widely recorded throughout the Middle Ages. For the long eighth century in Northumbria, two cases illuminate this discussion, as well as the awareness of the aristocracy about their own social positions. These case studies are: a) Cædmon, a herdsman who became a saint through a miracle; b) Imma, an aristocrat who pretended to be a person of low-rank to avoid being killed, but who could not remain bound and shackled as other slaves. The objective of this article is to present the cases of social mobility as virtually impossible. Social differentiation is therefore perceived as natural among aristocracy.

Keywords: Medieval History; Social Mobility; Anglo-Saxon England.

Introdução

A Idade Média é um período costumeiramente representado nos livros didáticos como um período de grande rigidez social.² Parte significativa do material didático ainda reproduz a lógica das assim chamadas “Três Ordens”, definindo a sociedade medieval como caracterizada pela divisão entre servos, nobres e clérigos.³ Esta configuração social costuma ser caracterizada da mesma forma pelos professores; e a construção da imagem de Idade Média dos alunos costuma, conseqüentemente, reproduzir esta lógica.⁴

¹ Universidade Federal de São Paulo. Email: silvarrenato@gmail.com

² SILVA, Edilene. Livros Didáticos e Ensino de História: A Idade Média nos manuais escolares do Ensino Fundamental. *História & Ensino*, Londrina, v. 17, n. 1, p. 07-31, 2011.

³ *Ibidem*. p. 16.

⁴ OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. O estudo da Idade Média em livros didáticos e suas implicações no Ensino de História. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 101-125, 2010. p. 118-119; 121.

A Idade Média, contudo, foi atravessada por transformações e mudanças ao longo de toda a sua duração.⁵ Mas a imagem de imobilidade não se construiu por acaso. Ela está presente em algumas fontes medievais, dentre as quais destacam-se duas: 1) a introdução da tradução de “A consolação da filosofia” de Boécio, sendo esta tradução atribuída em um manuscrito a Alfredo o Grande (r. 870-899); 2) o poema de Aldaberon (bispo) de Laón (947-1030), em que identifica a tripartição da sociedade medieval (entre *oratores*, *belatores* e *laboratores*).⁶ Esta percepção da Idade Média é portanto derivada de uma abordagem acrítica das fontes, transposta pelos livros didáticos e verificável na aprendizagem de estudantes. Reproduzir esta imagem é reproduzir parte da ideologia do grupo social dominante do período. Neste sentido, torna-se necessária uma análise sobre o fenômeno da percepção do grupo social dominante acerca das estruturas e grupos sociais, seu pertencimento e a capacidade ou incapacidade de atravessar de um grupo a outro.

Este trabalho tenta iniciar esta análise. Ela se dará sobre dois estudos de caso no longo século oitavo. O primeiro caso é o de Caedmon, um estabulário que vivencia uma transformação no sentido ascendente. Ele passa de estabulário que não apenas trabalhava, mas dormia em um estábulo e chega à posição de santo. O segundo caso é o de Imma, um nobre e guerreiro. Ao participar de uma batalha, Imma fica do lado perdedor. Para evitar que fosse morto, ele finge ser camponês. Ao invés de ser passado a fio de espada (o que ocorreu com outros nobres), Imma é reduzido à escravidão. Seu caso representa, portanto, uma mobilidade social na direção descendente. Ambas as narrativas estão presentes na obra de Beda conhecida como História Eclesiástica.⁷ Esta grande narrativa é composta a partir da inserção de outros tipos de narrativa comuns do período, dentre as quais hagiografias, crônicas, tábuas pascais etc. Beda dominava todas estas narrativas, e justamente por isto foi capaz de costurar ferramentas e técnicas destas em sua

⁵ Por exemplo, CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **História Medieval**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

⁶ SEDGFIELD, W. J. (ed.). **King Alfred's Old English Version of Boethius' De consolatione philosophiae**. Oxford: Clarendon Press, 1899. Tradução em KEYNES, Simon. & LAPIDGE, Michael. **Alfred the Great**. Londres: Penguin, 1983. p. 132. Também em PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média** – Textos e Testemunhas. São Paulo: Editora da Unesp, 2000. p. 91.

⁷ BEDE. *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. In: COLGRAVE, Bertram & MYNORS, Roger Aubrey Baskerville (trad. e ed.). **Bede's Ecclesiastical History**. Oxford: Oxford University Press, 1969.

História Eclesiástica.⁸ Por isto, a narrativa envolvendo Caedmon se assemelha em estrutura a de uma hagiografia; já a narrativa de Imma ressalta as virtudes e os laços do seu irmão, bispo, com a divindade. Neste sentido, a abordagem da fonte irá investir na construção da narrativa a respeito da mobilidade social, fazendo o foco recair sobre este aspecto. Contudo, não será negado aos relatos de Beda os aspectos específicos destas histórias (hagiografia e valorização do episcopado) dentro de sua narrativa mais ampla.

A partir do estudo de ambos os casos e investindo em sua comparação, analisaremos como estes casos são percebidos como limites. A principal hipótese deste artigo é que, por estes casos se tratarem de exemplos limítrofes, as histórias de Imma e Caedmon acabam por demarcar a impossibilidade de transição de grupo social ou de mobilidade social, dentro da ideologia aristocrática. Considerando a natureza de ambos os casos, o artigo também propõe que a visão da imobilidade social pode ser um elemento fundamental para a identidade da aristocracia, tanto em nível específico como em nível supralocal.

Historiografia sobre a Mobilidade Social na Idade Média e na Inglaterra Anglo-Saxã

A imagem de uma Idade Média estática (tanto em termos de ausência de acontecimentos quanto de posições sociais extremamente rígidas) é alvo de questionamentos pela medievalística há um tempo considerável. Em seu famoso manual de introdução aos estudos medievais, Jacques Le Goff atenta para a mobilidade camponesa. Para Le Goff, a necessidade de constante rotação dos cultivos e terrenos na terra implica em um deslocamento camponês constante. Este campesinato também poderia se desligar da dominação senhorial pela via da fuga ou pela simples emancipação jurídica. A visão de Le Goff sobre a emigração campesina chega a caracterizá-la como “um dos grandes fenômenos da demografia e da sociedade medievais.”⁹

⁸ CAMPBELL, James. Bede. **Oxford Dictionary of National Biography**, 2008. Disponível em: <https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-1922>. Acesso em 25/05/2020.

⁹ LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. p. 172-173.

O campesinato aparece como um ator social com grande mobilidade espacial na leitura de Le Goff. Contudo, duas outras leituras jogam luz sobre este ator social, destacando sua agência histórica e sua capacidade de (auto)transformação histórica. A primeira destas leituras foi proposta pelo historiador português João Bernardo. Em sua obra de amplo espectro sobre a sociedade medieval (tratam-se de três longos volumes), o campesinato possui destaque.¹⁰ No que diz respeito à Alta Idade Média, de particular interesse para este artigo, destaca-se a atenção para as divisões internas do campesinato (particularmente o chamado “campesinato independente” ou “livre”, contraposto ao “campesinato dependente”) e como alguns setores do campesinato poderiam ascender à aristocracia. Esta ascensão se daria sobretudo entre o campesinato livre, tendencialmente mais rico e poderoso, e que poderia ascender por alianças com as aristocracias e/ou com a submissão de outras famílias camponesas às suas posses.¹¹

A segunda leitura responsável por destacar a agência histórica do campesinato e, mais que isso, o protagonismo histórico do campesinato no período medieval é aquela proposta por Chris Wickham. Em sua obra magna, Wickham propõe que o fim do Império Romano representou uma perda considerável da capacidade da aristocracia de exercer poder sobre o campesinato.¹² Esta perda se deve ao desaparecimento do aparato estatal romano, em especial capacidades administrativas, coercitivas (exército), etc.¹³ Com a redução da capacidade da aristocracia de exercer poder, o campesinato (em especial o ocidental) teria vivido uma espécie de “era de ouro”, reduzindo em alguns casos o contato com a aristocracia a um encontro anual no qual as rendas devidas eram entregues.¹⁴ A importância destacada do campesinato é a responsável por caracterizar este período como “Modo de Produção Camponês”.¹⁵ Neste sentido, Wickham desloca o

¹⁰ BERNARDO, João. **Poder e Dinheiro** - Do Poder Pessoal ao Estado Impessoal no Regime Senhorial, Séculos V - XV.. Lisboa: Edições Afrontamento, 1996. V. 3.

¹¹ BERNARDO, João. **Poder e Dinheiro** - Do Poder Pessoal ao Estado Impessoal no Regime Senhorial, Séculos V - XV. Lisboa: Edições Afrontamento, 1996. p. 75-81. V. 1.

¹² WICKHAM, Chris. **Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 270.

¹³ *Ibidem*. p. 153-258.

¹⁴ *Ibidem*. p. 430.

¹⁵ *Ibidem*. p. 261.

protagonismo da nascente sociedade medieval para o campesinato, tornando este ator social o responsável por edificar a aurora do período medieval.

A visão da outra camada social fundamental da sociedade medieval (a aristocracia) também tem se notabiliza por destacar seu dinamismo, complexidade, eventual conflitividade e suas convergências. Um excelente exemplo é o desenvolvimento do campo conforme proposto por Régine Le Jan. Baseando-se sobretudo no aporte da antropologia, Le Jan complexificou nosso entendimento da aristocracia alto-medieval, ressaltando como os laços de parentesco (reais ou artificiais) são fundamentais para a compreensão da dinâmica deste setor da sociedade.¹⁶ Com a proposição de Le Jan, o parentesco surge como uma dimensão social tão importante quanto a economia ou a política para um entendimento do fenômeno da aristocracia. A contribuição de Le Jan não isola o parentesco de outras esferas da vida social, mas destaca, por exemplo, como o papel social das mulheres foi fundamental nas relações de poder medievais.¹⁷

Outra contribuição essencial para o entendimento da aristocracia alto-medieval vem das reflexões de Christopher Loveluck. Loveluck parte de uma perspectiva mais informada pela arqueologia e por aspectos mais específicos da História Social, destacando que elementos como as relações sociais de produção (e a reorganização das hierarquias sociais) impactam na paisagem (*landscape*), arquitetura, nos estilos de vida e redes de sociabilidade e na divisão espacial do trabalho (majoritariamente entre campo e cidade).¹⁸ As reflexões de Loveluck sobre a aristocracia são algumas das poucas que incorporam a discussão sobre mobilidade social. As principais possibilidades de mobilidade social aventadas por Loveluck são duas: 1) a cristalização de elites locais de proprietários livres em lordes locais; 2) a transformação imposta por uma conquista externa que criava novas organizações espaciais de poder, modificando as hierarquias vigentes anteriormente. O autor centra sua pesquisa sobre este assunto, contudo, no recorte

¹⁶ LE JAN, Régine. **Famille et pouvoir dans le monde franc (viie – xe siècle)**: essai d'anthropologie sociale. Paris: Publications de la Sorbonne, 1995.

¹⁷ LE JAN, Régine. **Femmes, pouvoir et société dans le haut Moyen Âge**. Paris: Éditions Picard 2001.

¹⁸ LOVELUCK, Christopher. **Northwest Europe in the Early Middle Ages, c. AD 600–1150 - A Comparative Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

temporal entre 950-1150.¹⁹ Além disso, pouca atenção é concedida à possibilidade de mobilidade social em um período de uma vida (ou com aspecto “biográfico”), e por isso a abordagem de Loveluck difere daquela proposta neste artigo.

A historiografia dedicada à Inglaterra anglo-saxã tem uma tradição consolidada de análise da estrutura social.²⁰ Nesta, os principais grupos sociais são os camponeses livres (*ceorls*), os camponeses dependentes, a aristocracia e a realeza. Com o passar dos séculos, há um processo de redução do campesinato independente e cristalização da aristocracia; a capacidade de exercício de poder por parte da realeza também varia no tempo. A cristalização deste tipo de visão se deve ao longo impacto da obra de Franks Stenton, “Anglo-Saxon England”.²¹ Segundo Stenton, a sociedade anglo-saxã teria mantido esta dinâmica estrutural até o seu fim; a transformação do campesinato livre em servo se daria a partir da conquista normanda em 1066.²² Embora a obra de Stenton não seja exclusivamente sobre a estrutura social anglo-saxã, esta visão se demonstrou poderosa e persistente. A discussão a respeito do campesinato ganhou um pouco de profundidade a partir de um longo estudo de Rosamond Faith. Segundo Faith, o senhorio (*manor*) feudal e as relações que são identificadas em fontes do período anglo-normando (século XI- XV) já existiam na sociedade anglo-saxã.²³ O estudo de Faith aprofunda a distinção entre os camponeses que seriam dependentes daqueles que ainda participariam da guerra e que gozariam de maior autonomia, riqueza, *status* e poder. Da mesma forma, o estudo de Faith atenta para como esta relação é dinâmica e possui movimentos e evoluções diferentes para cada região da Inglaterra.

No que diz respeito à outra ponta da sociedade (a aristocracia), poucos trabalhos de fôlego foram produzidos, e mesmo estes pouco avançam sobre a questão da mobilidade social. Costumam se concentrar em escalas de longa duração, geralmente nos dois primeiros séculos da infiltração e conquista anglo-

¹⁹ *Ibidem.* p. 274-301.

²⁰ JOHN, Eric. English feudalism and the structure of Anglo-Saxon Society. **Bulletin of the John Rylands Library**, v. 46, n. 1, 1963, p. 14-41; BROWN R. Allen. *Origins of English Feudalism*. New York: Barnes and Noble Books, 1973.

²¹ STENTON, Frank. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1971.

²² *Ibidem.* p. 644.

²³ FAITH, Rosamond. **The English Peasantry and the Growth of Lordship**. Leicester: Leicester University Press, 1999.

saxã na Inglaterra, em uma narrativa de progressiva cristalização da aristocracia.²⁴ Outros estudos que se concentraram na aristocracia focam no período final do período anglo-saxão, com atenção às dinâmicas internas dos reinos, e tratam apenas de dinâmicas internas à aristocracia, sem considerar formas de mobilidade social de forma mais ampla.²⁵ Da mesma forma, os estudos que abordam o impacto da presença escandinava entre os séculos IX e XI também focam na relação interaristocrática, com ênfase no xadrez da aristocracia e a realeza.²⁶

Um dos poucos estudos que abordam a mobilidade social entre diferentes estratos da sociedade anglo-saxã foi realizado por Walter Runciman. Neste artigo, Runciman defende que entre os séculos VIII e XI a Inglaterra passou por um processo em que os estatutos sociais eram mais fluidos; ou seja, em que a mobilidade social estava mais presente.²⁷ Contudo, este artigo identifica este fenômeno a partir de fontes espalhadas pelos diferentes reinos e em temporalidades distintas para traçar um quadro geral.²⁸ Por conta disto, a abordagem de Runciman trata fontes primárias de distintas naturezas como equivalentes, além de acabar elidindo as diferenças locais e as respectivas e diferentes processualidades do fenômeno que estuda.

No âmbito nacional, é possível destacar que o campo dedicado à Inglaterra anglo-saxã vem ganhando raízes e fôlego. Dentre dissertações, teses e artigos, o campo vêm se desenvolvendo, ainda que de forma inicial.²⁹ Os estudos, contudo, se

²⁴ Por exemplo, HÄRKE, Heinrich. Early Anglo-Saxon military organisation: an archaeological perspective. In: JØRGENSEN, A. N; CLAYSEN, B.L. (eds.). **Military aspects of Scandinavian society in a European perspective**, AD 1-1300. Copenhagen: National Museum 1997. p. 93-101; HÄRKE, Heinrich. Cemeteries as places of power. In: DE JONG, M. ; THEUWS, F. ; VAN RHIJN, C. van Rhijn (eds.). **Topographies of power in the Early Middle Ages**. Leiden, Boston e Cologne: Brill 2001. p. 9-30; HÄRKE, Heinrich. The Anglo-Saxon weapon burial rite: an interdisciplinary analysis. **Opus**, Moscow, n. 3, 2004. p. 197-207.

²⁵ BAXTER, Stephen. **The Earls of Mercia - Lordship and Power in Late Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

²⁶ HADLEY, Dawn H. **The Vikings in England: Settlement, Society and Culture**. Manchester: Manchester University Press, 2007; MCLEOD, Shane. **The Beginning of Scandinavian Settlement in England**. The Viking 'Great Army' and Early Settlers, c. 865-900. Turnhout: Brepols, 2014. Sobre um exemplo em que mesmo abordando outras temáticas o corte da aristocracia pode se manter, ver VOHRA, Pragya. One of Us? Negotiating Multiple Legal Identities across the Viking Diaspora. **Ethnic and Racial Studies**. v. 39, n. 2, 2015. p. 204-222.

²⁷ RUNCIMAN, Walter Garrison. Accelerating Social Mobility: The Case of Anglo-Saxon England. **Past & Present**, n. 104, p. 3-30, 1984.

²⁸ *Ibidem*. principalmente p. 9-15.

²⁹ ALBUQUERQUE, Isabela. **As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do Reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X)**. Tese (Doutorado em

concentram mormente na fatia aristocrática da sociedade, com pouca atenção às relações entre aristocracia e campesinato. Este foco também é explicável pela pouca atenção a estas dinâmicas e estruturas mesmo pela historiografia internacional, tornando significativamente mais difícil a realização de pesquisas deste tipo no Brasil.

Considerando a forma pela qual a historiografia dedicada à Idade Média costuma trabalhar a questão da mobilidade social, fica claro o ineditismo da proposta deste artigo. É necessário, portanto, passar aos estudos de caso propostos. Considerando que um representa a ascensão de um estabulário (palavra aqui usada no sentido de quem trabalha em um estábulo) até a santidade (Caedmon) e o outro a redução de um aristocrata à condição de escravo (Imma), começaremos pelo estudo do caso de Caedmon. Ainda cabe salientar que os casos aqui propostos são complementares para o entendimento do significado social de mobilidade social no contexto analisado justamente por serem vetores de mobilidade social de sentido inverso (um ascendendo, o outro sendo escravizado). É necessário passar a eles agora.

Caedmon

Caedmon foi uma pessoa elevada de um estatuto social muito inferior até o de um santo. Sua vida, conforme contada por Beda, representa a mobilidade social de pessoas de baixa extração. O capítulo da *Historia Ecclesiastica* que aborda sua vida e milagres é construída na forma de uma mini-hagiografia.³⁰ A história é bem conhecida entre os anglo-saxonistas. Caedmon era um homem velho (*proiectioris*

História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017; ALBUQUERQUE, Isabela. Culturas em contato: anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra durante a Era Viking (793-1016). **BRATHAIR (ONLINE)**, v. 17, p. 3-21, 2017; DUQUE, Fábio de Souza. **Os diplomas e a governança nos reinos Anglo-Saxões: Mércia e o Wessex entre os séculos VIII e IX.** Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018; DA SILVA, Renato Rodrigues. As relações entre as esferas laicas e eclesiásticas na aristocracia da Nortúmbria no século VIII. **História Revista (UFG)**, v. 24, p. 169-185, 2019; DA SILVA, Renato Rodrigues. Propriedade fundiária na Nortúmbria anglo-saxônica: jurisdição, conflito e confluências (século VIII). **Tempo. Revista do Departamento de História da UFF**, v. 26, p. 164-187, 2020.

³⁰ BEDE. *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. In: COLGRAVE, Bertram; MYNORS, Roger Aubrey Baskerville (trad. e ed.). **Bede's Ecclesiastical History**. Oxford: Oxford University Press, 1969. Livro IV, Cap. 24, p. 414 - 421. Doravante será utilizada a forma tradicional da historiografia para se referir a esta obra, sendo esta HE para se referir à *Historia Ecclesiastica*, seguida por um número utilizando numerais romanos que indicam o livro, seguida por numerais arábicos que indicam o capítulo do livro em questão. Assim, HE, II, 4 significa que se trata o segundo livro, capítulo 4.

aetatis) que nunca aprendeu nenhuma canção religiosa ou louvor (*carmina*).³¹ Além disso, Caedmon não possuía a capacidade de cantar, chegando a temer fazê-lo em público. A comunidade a que ele pertencia era a Abadia de Whitby. Nela, havia festas e banquetes, nos quais as pessoas concordavam que deveriam cantar, cada pessoa por vez, passando uma harpa (*cithara*) de mão em mão. Deveria cantar quem tivesse a harpa em mãos, e Caedmon tinha por hábito se levantar e deixar a festa quando a harpa se aproximava dele.³² Sabemos que o trabalho de Caedmon estava ligado ao cuidado de animais porque Beda nos conta que, após sair de um destes festejos, Caedmon “foi ao estábulo das mulas, porque era sua vez de cuidar delas naquela noite.”³³ Ou seja, apesar do canto ser algo costumeiro em Whitby, Caedmon não conseguia fazê-lo.

A capacidade de cantar e compor poesia religiosa na língua vernácula (*Old English*) veio até ele a partir de um sonho. Depois de Caedmon se aproximar do tal estábulo, ele dormiu e sonhou com uma figura masculina, que pediu para que Caedmon cantasse para ele. Caedmon diz que não é capaz de cantar. A figura masculina insiste, e quando Caedmon abre a boca ele entoava uma canção nunca ouvida, nem por ele nem por ninguém. Quando Caedmon acorda, foi capaz de lembrar tudo o que ele cantou durante seu sonho e ainda adicionou alguns versos. Os versos adicionados foram feitos “da mesma maneira, louvando a Deus no estilo adequado”.³⁴ Quando a aurora irrompeu, Caedmon foi até seu “*uilicus*, que era responsável por ele”.³⁵ O *uilicus* levou Caedmon até a abadessa. Para que a abadessa identificasse a origem do seu novo dom, Caedmon teve que descrever seu sonho e recitar sua nova canção na presença de muitos homens instruídos.³⁶ Apesar de ser membro de uma comunidade regida por uma abadessa, Beda conta que seu dom e seu sonho foram primeiro analisados por homens.³⁷ Como estudiosos da poesia na Inglaterra Anglo-Saxã ressaltam, para que uma pessoa se tornasse poeta neste contexto, ela precisava de uma comunidade que fosse capaz

³¹ HE, IV, 24, p. 414.

³² *Ibidem*.

³³ “*esse ad stabula iumentorum, quorum ei custodia nocte ille erat delegatus.*” HE, IV, 24, p. 416.

³⁴ “*eundem modum uerba Deo digni caminis adiunxit.*” HE, IV, 24, p. 416.

³⁵ “*uilicum, qui sibi praeerat.*” HE, IV, 24, p. 416.

³⁶ *multis doctoribus uiris praesentibus.* HE, IV, 24, p. 416.

³⁷ *Ibidem*.

de separar poesia boa da poesia ruim.³⁸ Como a poesia foi considerada boa, o sonho e o dom foram considerados de natureza divina.

Depois de ser considerado de origem divina, o conselho de homens leu para ele uma passagem da história sagrada e de doutrina, e pediram a ele para fazer uma canção a partir dela; se possível, com métrica. Caedmon foi bem-sucedido. A abadessa então o aconselha a entrar na vida monástica, e ordena que Caedmon fosse instruído em toda a história sagrada.³⁹ Como parte de seu dom, Caedmon podia transformar o que fosse ensinado a ele em “verso dulcíssimo.”⁴⁰ O som era tão agradável (*suavius*) que seus professores (*doctores*) logo se tornaram sua plateia (*auditores*).⁴¹ No final de sua vida, Caedmon tinha seu próprio assistente (*minister*), que preparou o leito de morte de Caedmon quando este previu sua própria morte.⁴² A morte de Caedmon não difere de outros homens santos da Inglaterra Anglo-Saxã: cercado por seus pares, monges.

A vida de Caedmon representa um caso raro de mobilidade social ascendente na Inglaterra Anglo-Saxã. Da posição de estabulário ele se torna professor dos professores (*doctores*) de uma comunidade monástica. Contudo, é um caso marcante para o período, e esta transformação só foi possível pela intervenção de Deus. O milagre, contudo, não foi aceito imediatamente ou tomado como certo. Através dos passos pelos quais Caedmon foi aceito é possível observar as estruturas de poder que foram transpostas no processo. Primeiro, ele teve que contar ao seu *uilicus* sobre seu dom. Um estabulário não poderia ir direto à abadessa, mas precisava se reportar ao seu superior imediato. Acesso à abadessa só foi possível através do *uilicus*, e Caedmon teve que atravessar uma série de testes para que seus pares acordassem que sua habilidade havia sido concedida por Deus e não por outra força (maligna). Em outras palavras, o caso de mobilidade social ascendente representa um caso de subida passo a passo, degrau a degrau, na hierarquia. Assim, ele permite observar como cada nível deveria se comportar. Como Caedmon sobe, ele não pula direto ao topo, mas vai

³⁸ THORNBURY, Emily. **Becoming a poet in Anglo-Saxon England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 91.

³⁹ HE, IV, 23-24.

⁴⁰ “*carmen dulcissimum*.” HE, IV, 24, p. 416.

⁴¹ HE, IV, 24, p. 418.

⁴² *Ibidem*.

pacientemente progredindo através de todos os degraus, esperando a aprovação em cada um destes níveis. Caedmon não encontra nenhuma oposição; contudo, ele só sobe na hierarquia porque foi permitido pela própria hierarquia, e aos poucos vai sendo reconhecido como o beneficiário de um milagre. O *uilicus*, a abadessa, os *doctores*, todos tiveram que concordar em suas avaliações e chancelar a posição de Caedmon antes que ele conseguisse alcançar a sua posição definitiva naquela sociedade.

Um ponto fundamental a ser feito é que as pessoas na comunidade concordaram em aceitar Caedmon em suas fileiras por conta de sua habilidade poética. Como O'Donnell ressalta, o centro da história não é o milagre em si, o sonho e o contato com Deus. O ponto principal é o quão bem Caedmon conseguia cantar e compor “da maneira certa”.⁴³ Para os poetas contemporâneos a Caedmon e da mesma região, a característica mais marcante dele era a qualidade do seu verso.⁴⁴ A qualidade do verso é algo vital para Beda, que também era um poeta e um professor de composição e métrica.⁴⁵ O conhecimento da métrica era outro elemento considerado importante para fazer a exegese interpretativa da Bíblia.⁴⁶ Em uma de suas obras, Beda discute a importância da compreensão da retórica para decifrar e interpretar a literatura cristã.⁴⁷ Poesia era uma forma de distinção social. A capacidade de produzir poesia requeria um treinamento longo, às vezes uma vida inteira dedicada a ela. E uma vida, portanto, apartada da atividade produtiva. A poesia como distinção social estava conectada tanto ao *status* no cristianismo (a posição na hierarquia social) quanto ao exercício do próprio cristianismo (enquanto entendimento das escrituras). O milagre permitiu a Caedmon contornar o treinamento vitalício, mas a mobilidade social que a habilidade de poeta permitiu não foi conseguida automaticamente. Pelo contrário,

⁴³ O'DONNELL, D. *Cædmon's Hymn* - A Multimedia Study, Edition and Archive. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 5.

⁴⁴ *Ibidem*. p. 8.

⁴⁵ BEDE, De arte metrica, In: KENDALL, C. B. (ed.), *Bedae Venerabilis Opera, Pars I*. Turnhout: Brepols, 1975.

⁴⁶ WRIGHT, Neil. The Metrical Art(s) of Bede'. In: O'KEEFEE, Katherine O'Brien; ORCHARD, Andy (eds.), *Latin Learning and English Lore*. Studies in Anglo-Saxon Literature for Michael Lapidge, Toronto: University of Toronto Press, 2005. p. 150 - 151. V. 1.

⁴⁷ Bede, De schematibus et tropis. In: KENDALL, C. B. (ed.), *Bedae Venerabilis Opera, Pars I*. Turnhout: Brepols, 1975; ver também CAMPBELL, James. Bede (673/4-735), ODNB, 2008. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com/view/article/1922?docPos=1>. Acesso em 25/05/2020.

ela precisou satisfazer a análise dos *doctores*. Em outras palavras, seguindo a lógica proposta por Hornbury, a comunidade é essencial para transformar quem escreve poesia em um poeta reconhecido como tal, e que ocupe a função de poeta naquela sociedade.⁴⁸

Infelizmente, não é possível saber muito sobre a posição social do *uilicus*. Este personagem podia ser da mesma posição social que Caedmon ou de um nível diferente de poder. Não sabemos, portanto, se se trata de um caso de subordinação, em uma relação intra-classe; ou se se trata de um caso de dominação, inter-classe. Se fosse possível saber isso, o mapa das relações de classe estaria mais claro. A história de vida de Caedmon expressa consciência da sua própria posição na sociedade e de como esta posição está relacionada com outras posições de poder. Apesar de se tratar de uma exceção à regra social, o milagre por trás de Caedmon não quebra a hierarquia social. Ele a reforça.

Imma

Em 679, uma batalha aconteceu no rio Trent, e Elfino, rei de Deira, foi assassinado. De acordo com Beda, um de seus soldados (*militia eius*), Imma, foi ferido durante a batalha.⁴⁹ Imma foi capturado por soldados do exército inimigo, que o levaram para o seu senhor (*comes*).⁵⁰ Quando perguntado quem era, Imma teve medo de confessar que era um soldado de condição social elevada (*miles*), então disse que era um camponês pobre (*rusticum pauperem*) e casado.⁵¹ De acordo com Beda, Imma também teria dito ao seu captor que ele veio até o exército com outros camponeses para trazer comida aos soldados.⁵² Seu captor então cuidou de seus ferimentos e, quando Imma se sentiu melhor, ordenou que fosse acorrentado à noite para que não escapasse. Contudo, conforme Imma era

⁴⁸ THORNBURY, Emily. **Becoming a poet in Anglo-Saxon England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 94.

⁴⁹ HE, IV, 22, p. 402.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ “[...] *usticum se potius et pauperem atque uxoreo uinculo conligatum fuisse respondit.*” HE, IV, 22, p. 402.

⁵² “[...] *propter uictum militibus adferendum in expeditionem se cum sui similibus uenisse estatus est.*” *Ibidem*.

acorrentado, seus grilhões se soltavam sozinhos.⁵³ Seu captor achou que Imma não poderia ser preso porque este possuía magias de libertação lançadas em seu corpo, o que era negado por Imma.⁵⁴ Imma explicou que seu irmão (Tunna) era um sacerdote e abade, e que pensou que Imma estivesse morto. Então, Tunna rezava para que a alma de Imma fosse absolvida por Deus para que pudesse subir livremente aos céus.

A posição social de Imma permitiu a ele não apenas conhecer como os aristocratas devem parecer, comportar-se e agir, mas ele também tentou emular as características das classes dominadas, o pobre camponês (*rusticus pauper*). Como Imma foi servido no campo de batalha por pessoas como estas (camponeses), ele estava acostumado com seus papéis sociais, incluindo a provisão de comida, feita juntamente com outros camponeses, que ocupavam a mesma posição (*similibus*). Imma achou ser possível para ele ser visto como alguém de outra classe, e foi bem-sucedido por algum tempo. Contudo, sua aparência, conduta e fala (*uultu, et habitu et sermonibus*) não eram aquelas das pessoas pobres (*pauper uulgo*). Na verdade, estas eram de origem nobre (*sed de nobilibus*). As pessoas que o observavam com atenção (*diligentius considerabant*) podiam perceber que ele estava mentindo sobre sua origem social. A observação das marcas de identidade e reconhecimento de cada grupo social o entregava. A posição de classe de Imma havia moldado-o de forma que ele não conseguia se passar por um homem de *status* social baixo. Após interrogar Imma sobre as magias de libertação, seu captor (também nobre, um *comes*) percebeu sua mentira e prometeu não lhe fazer mal, desde que ele contasse a verdade. Quando Imma contou que era um dos nobres diretamente ligados ao rei Egfrido (*thegn*), seu captor disse que deveria matá-lo. Afinal, todos os irmãos e parentes (*frater et cognati*) de Imma haviam sido mortos durante a batalha. Contudo, o captor disse que não o mataria para não quebrar sua promessa.⁵⁵

Um ponto importante de sublinhar nesta passagem da narrativa sobre Imma é que o reconhecimento da classe é um fenômeno orgânico, vivo. Este reconhecimento se origina diretamente da experiência dentro do seu grupo social.

⁵³ “*Nec tamen uinciri potuit; nam mox, ut abiere qui uincierant, eadem eius sunt uincula soluta.*” Ibidem.

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ “[...] *ne fidem mei promissi praeuaricer.*” HE, IV, 22, p. 404.

Neste sentido é importante ressaltar que demorou algum tempo (*aliquanto tempore*) para que o captor tivesse certeza da mentira de Imma. A narrativa é preciosa ao revelar como pessoas podem identificar um par, e, portanto, a si mesmas, pelo comportamento. Porém, tão importante quanto é a aparência. Em um exercício de imaginação, poderíamos considerar que Imma não possui os calos nas mãos típicos do serviço agrário; sua pele não deve ter sido tão transformada pela ação do sol quanto a dos camponeses, etc. Em outras palavras, a história de Imma nos revela como o processo de formação de classe é impressa no corpo. Um segundo ponto sobre a narrativa até este ponto são as expectativas que são nutridas sobre alguém desta extração social. Imma é um mentiroso e um exemplo negativo de aristocrata, que é descoberto e exposto, e um guerreiro que sobrevive ao campo de batalha enquanto seus colegas pereceram.

A narrativa de Imma também é importante para destacar que o corpo, fala e conduta característicos de alguém de alta extração social podem ser percebidos por outra pessoa com a mesma qualidade social, oriunda de um reino diferente. No caso, seu captor. Em outras palavras, a aparência associada à classe dominante não é apenas local. A continuação da história também é importante para a aprofundamento deste ponto.

O captor havia prometido não fazer mal a Imma. Então, o vendeu para um frísio em Londres. Como não era possível amarrá-lo no deslocamento até Londres, ou pelo seu novo mestre, foi permitido a Imma buscar alguém para pagar seu resgate (*sese redimendi*), caso conseguisse.⁵⁶ Imma jurou ao seu mestre que ele iria buscar o valor (*pecunia*) do resgate ou que voltaria.⁵⁷ Desta vez, Imma manteve sua palavra, e foi até o rei (Hlothhere) do Kent. Este rei deu a Imma o dinheiro, que foi enviado para o mestre (*dominus*) de Imma. A decisão do rei do Kent também foi motivada por convenções sociais, porque Imma serviu como nobre subordinado à (Æthelthryth), tia do rei do Kent.⁵⁸ Imma recebeu o dinheiro do seu resgate/redenção (*pretium suae redemptionis*) porque ele possuía laços familiares com a família regente de onde ele foi vendido. A distância entre o Kent e a

⁵⁶ HE, IV, 22, p. 404.

⁵⁷ “At ille iureiurando ut redirect, uel pecuniam illi pro se mitteret [...]” HE, IV, 22, p. 404.

⁵⁸ “[...] uenit Cantiam ad regem Hlotheri, qui erat filius sororis Aedilthrydae reginae, de qua supra dictum est, quia et ipse quondam eiusdem reginae minister fuerat [...]” HE, IV, 22, p. 404.

Nortúmbria não foi um obstáculo para o casamento intra-classe e para a reprodução da classe. Da mesma forma, a narrativa não traz quaisquer questionamentos do rei do Kent para Imma: parece ser seu dever libertar um dos seus. Como Imma e o rei do Kent estavam entrelaçados por uma rede de serviços, laços familiares e contra-dons, o resgate pode ser entendido como parte das obrigações de classe.

Também muito importante nesta seção da narrativa é a rede de informações que é parte do que constitui a aristocracia. Imma sabia que o rei do Kent estava ligado a ele, e que iria pagar seu resgate. Mesmo durante o cativeiro, Imma conta a seu captor que ele sabia que seu irmão achava que ele estava morto, e que ofertava missas em sua memória.⁵⁹ A narrativa não revela se isso significa que Imma estava de alguma forma recebendo notícias ou se ele estava apenas tentando adivinhar. Seja como for, esta informação é vital para a narrativa, e também foi vital para restaurar Imma à sua posição social, já que ele só pode agir por não conseguir ser amarrado.

A narrativa de Imma termina com ele de volta à sua terra (*patria*), contando o que aconteceu ao seu irmão. Confirmaram então a sincronicidade entre as missas e os grilhões se soltando, e como seu conforto e bênçãos no seu coração durante seu período do cativeiro eram originárias do céu a partir da interseção do irmão abade.⁶⁰ A história de Imma também tem como uma dos temas centrais o milagre, e a capacidade das orações do abade ser o meio que conecta a agência humana e a ação divina. E esta visão da intervenção divina reforça a questão classista do milagre e da história de Imma. O irmão de Imma se chamava Tunna, e era um abade poderoso a ponto de ter uma cidade nomeada em sua homenagem (*Tunnacaestir*).⁶¹ Em outras palavras, o milagre só foi possível a partir da prece de uma pessoa poderosa. Imma poderia apenas ter livre acesso a este tipo de pessoa (e ao poder da prece desta pessoa) por conta de sua posição na sociedade, que o

⁵⁹ “[...] *et scio quia ille me interfectum putans pro me per intercessions eius solueretur a poenis*”. *Ibidem*.

⁶⁰ “[...] *quase periclitanti ei / commode contigissent et prospera, per intercessionem fraternam et oblationem hostiae salutaris caelitus sibi fuisse donate intellexit*.” *Ibidem*.

⁶¹ “[...] *eius nomine Tunnacaestir cognominatur*”. *Ibidem*.

cerca de relações entre os ricos e poderosos. E o fato de serem irmãos ressalta como as posições de poder estavam concentradas nas famílias aristocráticas.

No conto sobre Imma é possível observar um microcosmo do que significa ser um aristocrata. Na narrativa, sua proximidade com a realeza é notável: seu *status* militar e sua função como guerreiro; a conexão com outros aristocratas, mesmo de outros reinos; a posição de prestígio derivada do seu antecedente familiar (tanto dele como de seu irmão); a natureza confiável de seu juramento (no caso, o juramento para pedir seu resgate pessoalmente); o reconhecimento por seus pares de origem social em sua conduta, fala, aparência e corpo. Também é, portanto, um microcosmo de uma posição social que é consciente de si, dos seus privilégios (juramentos como verdade) e acesso a recursos (o resgate, a oração do irmão, o milagre).

Conclusão

Os estudos de caso apresentados são cheios de significado sobre posições de classe e sua aparência. A mobilidade ascendente só é possível através de intervenção divina; mesmo quando ela acontece, Caedmon é obrigado a subir um a um os degraus da hierarquia. Também é exigido dele ser aceito e reconhecido por cada colegiado de pessoas em cada nível, para que o declarassem um par em cada degrau. A aprovação colegiada de Caedmon exigiu um exercício de identificação pelos *doctores*. Mesmo com intervenção divina, a mobilidade social ascendente precisa da aprovação de classe para acontecer.

A mobilidade descendente aparece como artificial e muito mais difícil, quase impossível de acontecer ou sequer de ser falsificada. As determinações de classe da experiência humana são o molde no qual o comportamento é cunhado. O reconhecimento por um par que estava tentando se disfarçar como alguém de um grupo diferente é um grande exemplo de como uma classe social é consciente de seus membros e de como o processo de formação de classe está impresso nos corpos. A aparência de classe é fundamental, e inescapável.

Posições de poder estão claramente cristalizadas na mente da aristocracia. Enquanto o movimento ascendente requer sua autorização, o movimento descendente não é visto como possível, sequer imitável. Em ambos os casos, há

intervenção divina. Não apenas a aristocracia é consciente de si enquanto um grupo, mas sua posição estava ideologicamente cristalizada ao ponto da imobilidade. Por isto, existe a necessidade de se pensar consciência de classe articulada com mobilidade social: a consciência de classe na Inglaterra Anglo-Saxã toma forma ao pensar a transição de classe como impossível, impossibilidade esta sancionada inclusive por ordem divina.

Referências Bibliográficas

Documentação

BEDE. *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. In: COLGRAVE, Bertram & MYNORS, Roger Aubrey Baskerville (trad. e ed.). **Bede's Ecclesiastical History**. Oxford: Oxford University Press, 1969.

BEDE. *De arte metrica*. In: KENDALL, C. B. (ed.), **Bedae Venerabilis Opera, Pars I**. Turnhout: Brepols, 1975, p. 60-141.

BEDE. *De schematibus et tropis*. In: KENDALL, C. B. (ed.), **Bedae Venerabilis Opera, Pars I**. Turnhout: Brepols, 1975, p. 142-171.

KEYNES, Simon.; LAPIDGE, Michael. **Alfred the Great**. Londres: Penguin, 1983.

O'DONNELL, Daniel P. **Cædmon's Hymn - A Multimedia Study, Edition and Archive**. Cambridge: D.S. Brewer, 2009.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média – Textos e Testemunhas**. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Isabela. **As relações identitárias entre anglo-saxões e escandinavos: uma comparação do Reino de Wessex com a região da Danelaw (séculos IX-X)**. 2017. 209f. Tese (Doutorado em História Comparada) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ALBUQUERQUE, Isabela. *Culturas em contato: anglo-saxões e escandinavos na Inglaterra durante a Era Viking (793-1016)*. **BRATHAIR (ONLINE)**, v. 17, 2017. p. 3-21.

BAXTER, Stephen. **The Earls of Mercia – Lordship and Power in Late Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BERNARDO, João. **Poder e Dinheiro - Do Poder Pessoal ao Estado Impessoal no Regime Senhorial, Séculos V - XV**. Lisboa: Edições Afrontamento, 1996. V. 3.

BROWN R. Allen. **Origins of English Feudalism**. New York: Barnes and Noble Books, 1973.

CAMPBELL, James. Bede. **Oxford Dictionary of National Biography**, 2008.

Disponível em:

<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-1922>. Acesso em 25 mai. 2020.

CÂNDIDO DA SILVA, Marcelo. **História Medieval**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

DA SILVA, Renato Rodrigues. Propriedade fundiária na Nortúmbria anglo-saxônica: jurisdição, conflito e confluências (século VIII). **Tempo. Revista do Departamento de História da UFF**, v. 26, p. 164-187, 2020.

DA SILVA, Renato Rodrigues. As relações entre as esferas laicas e eclesiásticas na aristocracia da Nortúmbria no século VIII. **História Revista (UFG)**, v. 24, p. 169-185, 2019.

DUQUE, Fábio de Souza. **Os diplomas e a governança nos reinos Anglo-Saxões: Mércia e o Wessex entre os séculos VIII e IX**. 245f. – Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

FAITH, Rosamond. **The English Peasantry and the Growth of Lordship**. Leicester: Leicester University Press, 1999.

HADLEY, Dawn H. **The Vikings in England: Settlement, Society and Culture**. Manchester: Manchester University Press, 2007.

HÄRKE, Heinrich. Early Anglo-Saxon military organisation: an archaeological perspective. In: JØRGENSEN, A. N.; CLAUSEN, B. L (eds.). **Military aspects of Scandinavian society in a European perspective, AD 1-1300**. Copenhagen: National Museum, 1997. p. 93-101.

HÄRKE, Heinrich. Cemeteries as places of power. In: DE JONG, M.; F. THEUWS, F.; VAN RHIJN, C. (eds.). **Topographies of power in the Early Middle Ages**. Leiden; Boston; Cologne: Brill, 2001. p. 9-30.

HÄRKE, Heinrich, The Anglo-Saxon weapon burial rite: an interdisciplinary analysis. **Opus**, Moscow, n. 3, p. 197-207, 2004.

JOHN, Eric. English feudalism and the structure of Anglo-Saxon Society. **Bulletin of the John Rylands Library**, v. 46, n. 1, p. 14-41, 1963.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995. V. 1.

LE JAN, Régine. **Famille et pouvoir dans le monde franc (viie – xe siècle)**: essai d'anthropologie sociale. Paris: Publications de la Sorbonne, 1995.

LE JAN, Régine. **Femmes, pouvoir et société dans le haut Moyen Âge**. Paris: Éditions Picard, 2001.

LOVELUCK, Christopher. **Northwest Europe in the Early Middle Ages, c. AD 600–1150** - A Comparative Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

MCLEOD, Shane. **The Beginning of Scandinavian Settlement in England**. The Viking 'Great Army' and Early Settlers, c. 865-900. Turnhout: Brepols, 2014.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. O estudo da Idade Média em livros didáticos e suas implicações no Ensino de História. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 23, p. 101-125, 2010.

RUNCIMAN, Walter Garrison. Accelerating Social Mobility: The Case of Anglo-Saxon England. **Past & Present**, n. 104, p. 3-30, 1984.

SILVA, Edilene. Livros Didáticos e Ensino de História: A Idade Média nos manuais escolares do Ensino Fundamental. **História & Ensino**, Londrina, v. 17, n. 1, p. 7-31, 2011.

STENTON, Frank. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1971.

THORNBURY, Emily. **Becoming a poet in Anglo-Saxon England**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

VOHRA, Pragma. One of Us?: Negotiating Multiple Legal Identities across the Viking Diaspora. **Ethnic and Racial Studies**, v. 39, n. 2, p. 204-222, 2015.

WICKHAM, Chris. **Framing the Early Middle Ages: Europe and the Mediterranean, 400-800**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WRIGHT, Neil. The Metrical Art(s) of Bede. *In*: O'BRIEN O'KEEFFE, Katherine; ORCHARD, Andy (eds.). **Latin Learning and English Lore**. Studies in Anglo-Saxon Literature for Michael Lapidge. Toronto, ON: Toronto University Press, 2005, p. 150-170. V. 1.

Recebido: 03/04/2020
Aprovado: 02/06/2020